



PTDN\_APL\_INCO\_1999\_TXT\_0463

**PRÉ - TESE CONGRESSO PT**

# O COMBATE AO RACISMO E O II CONGRESSO NACIONAL DO PARTIDO DOS TRABALHADORES

## 1 - Conjuntura e perspectiva

### 1.1 - Internacional: ampliação da violência, da miséria, pobreza, do racismo e dos conflitos étnicos.

*"A nova ordem econômica, política e militar capitalista concentra cada vez mais conhecimento, poder e riqueza nos países ricos do Norte (onde também existe desemprego e miséria), ao mesmo tempo que torna insustentáveis às condições de vida da maioria da população do planeta"*

*A nova situação internacional - I Congresso Nacional*

*do PT - Novembro de 1991*

Esta era a conjuntura internacional quando da realização do I Congresso Nacional do PT.

Atentos a nova onda de racismo no velho mundo, decorrência dos níveis de pobreza dos países do terceiro mundo, a militância anti - racismo anunciava um cenário onde seres humanos cruzavam suas fronteiras em busca de comida e trabalho; uma corrida de famintos do mundo pobre em busca das migalhas do pretens mundo rico, onde ressurgia o velho nacionalismo Europeu.

Nesse mundo erguia - se um muro, cimentado pelo racismo e pela intolerância, em defesa do também velho binômio paz e prosperidade (incompatíveis com a desordem e a irracionalidade de um outro mundo, de outras cores, línguas, religiões e culturas) em nome do qual o branco europeu sempre explorou, dominou e exterminou outros povos.

Neste mesmo cenário um outro muro caía. Com

ele desmoronavam os regimes do Leste Europeu e uma grave crise corroía a antiga URSS, atingindo em cascata os países que compunham o bloco do chamado campo do socialismo real.

A mesma militância anti - racismo acusava o simplismo e o reducionismo das análises e defesas deste tipo de socialismo cuja miopia não permitiu a compreensão da importância da questão racial e étnica no processo de transformação em curso naqueles países, presentes na vida dos Ucrânicos, Bálticos, Moldovos, Azerbaijanos, Armênios, Georgianos e Russos, desde antes da Revolução de 17 até os dias da Perestroika. Um dos fatores fundamentais do desmantelamento do socialismo real e das transformações políticas, econômicas e culturais daqueles países que nele se referenciavam.

Se naquele momento, o do I Congresso, esse cenário para alguns de nossos militantes incrédulos se aproximava mais de um roteiro de um filme de ficção, o cenário internacional para o II Congresso apresenta-se ainda mais complexo e incerto.

Para não correremos o risco de sermos repetitivos deixamos para outras pré - teses a análise sobre o significado das experiências neoliberais e da globalização econômica e financeira para o presente e o futuro da humanidade.

Embora de forma sintética, nosso propósito é o de relacionar as consequências da implantação da ideologia neoliberal com o crescimento do racismo e dos conflitos étnicos, numa conjuntura internacional ainda mais desastrosa para os trabalhadores e as populações pobres do planeta.

Nos países da Europa a xenofobia, os discursos e práticas neonazistas vão se ampliando na mesma pro-

porção da ampliação da miséria e da pobreza nas ruas desses países. Recentemente, no ano de 1997, preocupada com essa realidade a União Européia declarou o ano de 1997 como sendo o "Ano Europeu contra o Racismo". Um pouco antes, em 1994, nasceu em Portugal a frente anti-racista.

A recente guerra na Iugoslávia demonstrou as consequências do discurso da "limpeza étnica" em Kosovo que garantiu a vitória de Eslobodan Milogovicht nas últimas eleições do país. A ocupação da região por soldados americanos, russos, ingleses, alemães, italianos e franceses, orientados pela OTAN, agravou ainda mais a situação que aliada aos permanentes conflitos étnicos entre sérvios, bósnios e croatas, transforma aquela parte do mundo em uma também permanente "zona de guerra".

Nos Estados Unidos, berço da ideologia neoliberal e do capitalismo financeiro, a situação econômica tem aumentado a pobreza, a fome e a violência entre os afro-americanos. Em contrapartida os lucros dos empresários americanos ganham cifras astronômicas no ranking das grandes fortunas do mundo.

A juventude negra americana sem perspectivas de emprego e educação está sendo exterminada, vítima da violência policial, das brigas entre gangues e das drogas.

As ações afirmativas, conquistas do movimento negro americano, vem sofrendo um desmonte brutal, reacendendo as situações de discriminações no mercado de trabalho, nas escolas e em outros setores.

Diante dessa realidade o combate ao racismo volta a ser uma prioridade dos afroamericanos e estão sendo criadas as condições para uma nova radicalização da luta negra nos Estados Unidos.

O Continente Africano, em que pese algumas transformações nas estruturas sociais e políticas de países africanos motivadas pela luta de suas populações diante da colonização européia, está sendo abandonado pelo resto do mundo.

Grande parte da população do Continente Africano vive em condições de absoluta pobreza. Na África do Sul, o povo sulafricano conseguiu por um fim ao apartheid e Mandela é considerado o Estadista do Século. Mas as diferenças existentes entre negros e brancos continuam sendo um grave problema para o país e para o próximo século.

A ideologia neoliberal e a globalização não consideram o Continente como parte de sua trajetória de crescimento: a África não aparece no mapa da mundialização do Capital

Resgatar a esperança para as populações do Continente Africano também é uma tarefa da militância petista. Assim como reacender a solidariedade internacional no combate ao racismo e a preocupação perma-

nente com os conflitos étnicos, deve ser um dos compromissos de nosso Congresso.

## **1.2 - Brasil: o neoliberalismo de Fernando Henrique amplia a exclusão e as desigualdades sócio - raciais**

"O lugar do Brasil é no primeiro mundo e é para lá que estamos caminhando"

A frase acima é de Fernando Collor, Presidente do Brasil por ocasião da realização do I Congresso Nacional do PT. Fez parte de um discurso do então Presidente, na última reunião de seu governo em 1990.

Expressa a intenção da implantação da ideologia neoliberal através de propostas que defendiam a "modernização" da sociedade brasileira.

Nosso I Congresso em suas conclusões se opunha as intenções de Collor e afirmava ser impossível falar em modernização do país sem a garantia de direitos sociais num quadro crescente de concentração de renda e de exploração cujos resultados e consequências conseguimos antever em nosso Congresso.

Dando um salto na história, para o Brasil de 1999, a hegemonia neoliberal esboçada com Collor ganhou força e está sendo implementada por Fernando Henrique Cardoso com o apoio do maior bloco de forças conservadoras articulado na história da política brasileira.

A exemplo do item anterior, deixamos para as outras pré-teses o aprofundamento sobre os efeitos da implantação destas políticas na vida e nos caminhos do Brasil e dos brasileiros. Aqui, também, nossa preocupação é a de em poucas palavras discutirmos seus efeitos entre a população negra do país.

O Governo de Fernando Henrique Cardoso, ao dar continuidade a aplicação do projeto neoliberal, iniciado no Governo Collor, aprofundou as marcas sociais do racismo brasileiro. Cresce o desemprego particularmente entre os trabalhadores negros; passamos a ocupar o trabalho informal sem nenhuma garantia trabalhista. O precário sistema de atendimento social público (saúde, educação, previdência e assistência social, moradia popular) está sendo desmantelado e isto afeta diretamente a população negra e pobre. A juventude negra, sem emprego e fora da escola, esta sendo dizimada (a exemplo do que ocorre em outras partes do mundo) pela violência policial, marginalidade e envolvimento com as drogas. No campo, as populações negras também são vítimas das ações do latifúndio e da inexistência de uma reforma agrária; as comunidades negras rurais não conseguem implementar seus direitos constitucionais de propriedade da terra onde vivem há longos anos.

O governo de FHC, ampliou a exclusão e as desigualdades sócio - raciais em nosso país. Essa constatação

fortalece a convicção da impossibilidade de se construir a cidadania dos negros e negras e de superarmos o racismo nos limites da sociedade brasileira atual.

Superar o racismo implica, antes de tudo, garantir condições iguais e dignas de vida para todos e a superação das desigualdades de raça, classe e gênero. Implica em redistribuição radical das riquezas, em redirecionamento dos gastos públicos e das políticas públicas, priorizando a população menos favorecida.

Para nós, militantes do Partido dos Trabalhadores implica, principalmente na compreensão de que o combate ao racismo está associado à luta contra o capitalismo e na construção de um projeto político onde a igualdade social e a pluralidade racial sejam pontos centrais

## **2 - Programa, Construção Partidária, 20 anos de PT**

As relações raciais no Brasil são marcadas por indicações que implicam em vantagens para a população branca e desvantagens para a população negra.

Desigualdades estas que não podem ser explicadas unicamente pela contradição principal que se estabelece entre os que detêm os meios de produção e os que possuem apenas sua força de trabalho.

Outras contradições existem e tem sido expressas pelo movimento negro organizado no Brasil que, a partir da década de 70, ao discutir o racismo enquanto instrumento de exploração de classe consegue dar um novo rumo a luta contra o racismo, o preconceito e a discriminação racial em nosso país. A partir dessa compreensão o movimento negro passa a explicar mais objetivamente porque apesar da industrialização, mobilidade social, urbanização, alcançada pela sociedade brasileira até essa década, essas desigualdades persistem e a denunciar que o racismo atua como um instrumento de dominação social, determinando a participação subordinada de grupos não - brancos na estrutura de poder e riqueza da sociedade.

São desenvolvidos então importantes estudos que comprovam a discriminação racial no trabalho; a divisão racial de espaço / moradias; deficiências com recorte racial no atendimento a saúde e a alimentação; uma educação com conteúdos didáticos racistas; a violência e a exploração contra a mulher negra; meios de comunicação que depreciam a imagem e a auto - estima do negro; a violência policial e o extermínio das crianças e adolescentes negros e negras, etc.

Diferentes caminhos e estratégias tem sido utilizadas para a manutenção ou transformação dessa realidade que não consegue ser acobertada devido aos anos de organização e luta da população negra nesses quase 500 anos de Brasil.

Historicamente, a estratégia utilizada pelo Es-

tado Brasileiro tem sido a de garantir a manutenção do racismo e a conseqüente exclusão do povo negro dos espaços de desenvolvimento social, econômico, cultural e político. Ao utilizar o racismo como um instrumento de dominação, tenta eliminar a possibilidade de conflito nas relações raciais e esvaziar a explosividade e o conteúdo revolucionário da luta anti - racismo.

Em contraposição a militância do movimento negro contemporâneo, em sua maioria organizada no PT desde a sua fundação, tem construído uma outra estratégia, de conteúdo revolucionário (o combate ao racismo é estratégico para a transformação social no Brasil) para a alteração do tratamento das relações raciais e para o combate ao racismo em nosso país.

Mesmo considerando as conquistas obtidas - a criação da Secretaria Nacional de Combate ao Racismo é uma delas - o debate e a implementação dessa estratégia não foi incorporada pelo PT nesses quase 20 anos de construção partidária: do manifesto de fundação do Partido ao manifesto do II Congresso ainda são limitados os avanços !

### **Um debate programático inconcluso: o racismo ainda é considerado uma questão de classe.**

*"As esquerdas brasileiras, até a década de 1970 não possuíam um discurso de combate ao racismo, mas alegavam que suas propostas contemplavam a população negra; o racismo sendo compreendido como conseqüência da pobreza generalizada dos negros, o que equivale dizer que racismo é uma questão de classe"*

Essa constatação faz parte da tese de uma militante do movimento negro e do PT de São Paulo que assina esse documento e que estudou a postura da esquerda em relação ao combate ao racismo, utilizando documentos políticos das organizações clandestinas que resistiram ao regime militar e os documentos iniciais que permitiram a fundação do Partido dos Trabalhadores.

Integra uma crítica da maioria das lideranças anti-racismo, do movimento negro contemporâneo e de estudiosos importantes como Florestan Fernandes e Otávio Ianni, que começam a alterar uma visão ortodoxa das esquerdas brasileiras, que nas suas teorias e práticas políticas não consideram a diversidade de nossa realidade, assim como seus aspectos culturais. E que, como exemplo, no tratamento de questões relativas à força de trabalho e emprego, não fazem uma reflexão sobre as condições específicas de inserção da população trabalhadora na estruturação produtiva, considerando fatores como raça/etnia, sexo e idade.

Mesmo admitindo avanços na incorporação dessas indagações entre as esquerdas, em especial no Partido dos Trabalhadores, esta pré - tese pretende intro-

duzir o debate visando a intervenção no II Congresso, em torno das estratégias para estas questões ainda compreendidas em nosso partido como Setoriais.

Resgatamos, nesse sentido, algumas das afirmações contidas no relatório do IV Encontro Nacional de Negros e Negras do PT, realizado no ano de 1996, que reforçam esse posicionamento:

*"Apesar do PT se reivindicar portador de uma nova matriz no complexo universo político da esquerda e na trajetória histórica brasileira, isso não o imuniza diante da ideologia racista hegemônica. Além disso, decorridos mais de quinze anos de experiência petista podemos afirmar a cada dia com maior segurança que, mesmo com elementos diferenciados que dão certa originalidade ao partido, o PT é, sobretudo, continuidade reciclada da tradição de esquerda que reduz as contradições da sociedade ao terreno econômico e enxerga o Brasil com um olhar branco.*

*O PT, um partido com vocação socialista, interpreta as relações sócio - raciais como produto das desigualdades da formação social brasileira e incorpora tal interpretação no seu discurso programático, mas não trata esta questão como um eixo básico para a contra hegemonia na sociedade civil, e sim como uma questão de minoria. Por isso garante uma fatia do poder para os setores "minoritários" caso eles sejam capazes de pressionar para obtê - lo. Essa fatia do poder será viável ao exercício da cidadania do negro, se os militantes negros e negras, tiveram capacidade de acumular força suficiente para se fazer representar nas instâncias de poder. Mas essa alavanca não é impulsionada pelo partido na medida em que a concepção e ação advinda da relação raça e classe é embrionária na sociedade brasileira e tem reflexos no cotidiano de um partido, mesmo sendo ele o PT. O que adia a transformação das desigualdades sócio - raciais brasileiras."*

Aparentemente, um debate que pode ser incluído no interior de uma alteração de estatuto partidário, ou seja, uma questão organizativa. Entretanto, ao encerrar o combate ao racismo e a discriminação como setorial, como tarefa exclusiva dos próprios discriminados e atingidos pelo racismo, o PT comete um equívoco político comum entre as forças de esquerda: qualquer proposta de transformação social não pode prescindir da incorporação dessas realidades consideradas como

secundárias, mas como problemas sociais que reivindicam soluções gerais e componentes da totalidade de um projeto de uma nova sociedade.

### **O combate ao racismo é estratégico na transformação da realidade.**

Todos esses pontos devem ser somados a uma leitura necessária quanto a crueldade do racismo brasileiro que é fator agravante da condição de trabalho e de vida do povo negro, que representa metade da população brasileira. Que tem se perpetuado ao longo da história de formação do Estado brasileiro - nos 500 anos de "descobrimento" do Brasil é importante lembrar que seu desenvolvimento se deve a quase 400 anos de escravização e de utilização da força de trabalho de negros e negras.

A partir da compreensão, mesmo que esquemática, do conjunto das idéias aqui expostas é que constatamos a absoluta impossibilidade de transformações estruturais na sociedade brasileira sem o tratamento devido da questão racial. Que é impossível a construção da cidadania do povo negro nos limites da sociedade brasileira atual. E que o combate ao racismo é estratégico seja na construção de um novo modelo de desenvolvimento para o Brasil como para pensarmos uma sociedade futura, multirracial, democrática e socialista, como nos ensina o eterno mestre e companheiro Florestan Fernandes em um de seus textos:

*"Nunca haverá democracia no Brasil nem será possível a existência de uma república democrática enquanto persistir a desigualdade racial e a discriminação dos negros. Trata-se de uma liberação às avessas: o antigo escravo carrega consigo a solução do dilema número um do Brasil, pois de sua auto-emancipação coletiva depende a autoridade legítima e o próprio destino das antigas camadas senhoriais, dos seus descendentes e sucessores desenraizados da sociedade escravocrata. Voltamos à dialética do senhor e do escravo apontada por Hegel. Ou ambos serão livres, ou a liberdade de um forjará a sujeição do outro, bloqueando o advento da democracia como estilo de vida."*

**Um dilema que está em jogo e que precisa ser resolvido no II Congresso.**